

**A Illustração Portuguesa**  
SEMANARIO  
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torreção; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Garcia da Orla e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas;—*Uma historia triste*, conto, por A. Z. A.;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Os ex-*

*centricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*Dansa macabra*, soneto, por Alberto Osorio de Castro;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O Narciso*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Prava do Pelourinho na Figueira da Foz*;—*O conde de Mirasol*;—*O brigadeiro Velarde*;—*Ao sahir da escola*;—*Jangadas e Praams no rio Dwina*;—*Casa de aldeia, ao sul da Russia*.



PRAÇA DO PELOURINHO, NA FIGUEIRA DA FOZ

# CHRONICA

Leitora:

Decididamente, tu não dispensas a Chronica; habituaste-te a ella; exige-l'a por força; queres que eu t'a sirva, custe o que custar, curvado e humilde sob o imperio da tua vontade caprichosa. E's uma tyranna!

Nem te importa saber se eu tenho, n'este momento, a alma negra como um sarcophago, se precisava entregar-me ás delicias incomparaveis do *far niente*, se necessitava de dormir, de sonhar uns bellos sonhos côr do azul, muito fóra d'este circulo acanhado e estreito onde expluem os pequeninos escandalos mundanos, onde o Lamas faz rir a côrte com as suas jogralidades de Triboulet pelintra, onde a policia se encarrega de fazer *réclame* ás parteiras... no santo empenho de que a humanidade não desapareça da face da terra.

Mas com que assumptos hei de eu entretecer a Chronica, se o assumpto anda ainda voejando pelas praias doidamente, de calçotas de banho afiveladas á cinta e lençol turco desdobrado sobre os hombros?

Se houvesse já violetas, as bisonhas e modestas violetas por que tu morres d'amores, poderia ao menos offerecer-te, em guisa de Chronica, um pequenino ramillete perfumado. Cada uma das tuas florinhas predilectas levar-te-hia, entre castos aromas, uma palavra minha, um segredo, uma saudade, um suspiro; e juntando tudo quanto ellas te levassem, poderias ahi mesmo, na meia luz doce do teu gabinete de trabalho, encher a pagina que eu hoje, talvez, não consiga povoar de devaneios.

Mas as tuas queridas violetas não chegaram ainda, e eu, francamente, não quero offerecer-te outras flores de que tu menos gostes.

E' um sabbado hoje. Se imaginasses como eu detesto os sabbados!

Vaes dizer-me d'ahi que é uma confissão incivil e desprimorosa esta minha; que devêra antes adoral-os por serem os dias da semana em que costume palestrar contigo, entreter os teus ocios com a narrativa do acontecimento palpitante.

Pois aborreço-os de morte. Vê lá como sou franco.

Tu sabes que não era d'este modo que eu queria comunicar-te as minhas impressões, fallar-te da ultima peça, do ultimo livro, do ultimo escandalo. Conversar assim, tão de longe, tendo de permeio o infinito, fadiga e desconso. E' como se fosse uma palestra entre dois surdos, collocados cada um n'um dos polos da Terra. A palavra não pode brotar expontanea e colorida; o espirito dormente é incapaz de produzir uma scintillação; os dedos que empunham a penna sentem-se enervados e vacillantes; os labios descerram se, não para expandir phrases facetadas como diamantes, mas para deixarem correr mundo uma sensaboria ou uma banalidade.

Emquanto que se eu estivesse ao pé de ti, bem perto d'esses olhos luminosos como duas auroras, affagado suavemente por esse bom sorriso acariciador...

Uma salinha alcatifada e tepida, onde ninguem mais nos ouvisse, querias? Um *tête-à-tête* commodo e fôfo, onde cavaqueassemos como dois excellentes amigos, na mais completa despreocupação de espirito, na paz serena das consciencias limpas e boas. Lá fóra, a chuva a cahir, a cahir, abafando discretamente o echo das nossas palavras... Gostavas?

Assim, envolto no perfume da tua resplendente mocidade e da tua distincção suprema; com os ouvidos afagados pelos accordes da Serenata de Schubert, que tu tantas vezes tocas; mordendo com um olhar longo essas mãos brancas e patricias que desafiam beijos, o

teu pobre chronista, o teu bom amigo teria sempre um assumpto novo, e quando o não tivesse, inventava-o.

Sinto frio, um frio que chega á alma. E' o outono que se aproxima, este gato-pingado sinistro, este coveiro das minhas alegrias, dos meus queridos raios de sol, das minha tardes formosas e limpidas.

Que saudades!

Já as andorinhas debandaram para outros paizes mais clementes. Eu não quiz ir com ellas, porque tinha de conversar contigo, porque tu, tambem, não foste. Nem as vi partir sequer. Estava talvez sonhando.

Bem melhor fóra que as acompanhassemos ambos.

Isto por aqui é feio e triste. Falta-nos o calor e a luz. Sobre tudo, falta-me o assumpto, e as andorinhas davam-m'o, por certo, se eu as tivesse seguido nos seus vôos irregulares e irrequietos a paragens ignotas.

O que queres tu que eu te diga em pleno outono sombrio? Que assisti á *première* da *Gillette de Narbonne* na Trindade? Mas tu estavas lá tambem, abrasada n'aquella athmosphera asphixiante. Bem te vi, bem me viste.

Não fiquei sabendo ao certo como foi que a Gillette, a formosa Gillette nos apparece mãe d'um loiro *bébé* no 3.<sup>o</sup> acto. O que sei é que não recorreu aos serviços de nenhuma *comadre* indigena, para destruir o fructo dos seus amores, e isso dispõe-me em favor da pobre rapariga. Outra fosse ella que desse cabo do pequeno.

Verdade seja que, depois, tinham de intervir no caso os srs. Moraes Sarmiento e Pedroso de Lima. Mais um barytono, mais um tenor e mais um acto... uma massada!

Entrou-me agora mesmo, pela janella dentro, uma restea de sol. Não esperava a sua visita, confesso-te. E' que hoje faz annos uma princeza, uma rainha, e o galanteador não quiz que o dia expirasse sem ir depôr aos pés da gentil soberana os raios da sua luz diamantina e pura.

Um corteção, este bello sol peninsular que nos allumia!

No Tejo azul, os vasos de guerra apparecem-nos empavesados e garridos, vomitando salvas festivas por todas as suas boccas de fogo reluentes. E' ainda para celebrar o quadragesimo anniversario natalicio da princeza bem amada. Apostariamos no entanto, em como ella apreciará mais o parabem luminoso do sol, que as saudações estrondosas da artilheria naval, feitas do Tejo crystallino.

O quadragesimo anniversario! Como se envelhece depressa e como os annos deslisam vertiginosamente!

Entristece isto. Causa pena olhar para o passado, e recordar que ainda hontem viramos a gentilissima soberana ostentando, sob a grinalda de flores de lorangeira, a caminho de S. Domingos, toda a frescura das suas quinze primaveras sorridentes.

Como o tempo passa! Como elle passa, e como nós todos envelhecemos, reis e chronistas!...

Até aquelle pequenino rei de Hespanha, que mal se move ainda no seu berço dourado, ha de envelhecer tambem. Por ora, vae haurindo descuidosamente a vida nos seios uberrimos da ama, e nem attenta no sr. Casal Ribeiro, que em nome do nosso monarcha lhe entrega, curvado e respeitoso, a banda das tres ordens portuguezas.

Tambem, quem se lembra de offerecer coisas d'aquellas á pessoa d'um pequenissimo rei catholico que ainda nem faz tem-tem?!

Pois não era mais natural offerecer-lhe *bombons*, um palhaço, um *sino-saimão* e uma figa contra os *pronunciamentos*? Dize tu lá, querida leitora!

SANTILHANA.

## GARCIA DA ORTA E O SEU TEMPO

## III

«Quem por aquelles meados do XVI seculo, mais anno menos anno, chegasse á barra de Goa, e, transpondo o ancoradouro das naus do reino, fosse subindo rio acima até ao caes da Fortaleza, diz o sr. conde de Ficalho no principio dos admiraveis capitulos que se intitulam *Goa*, não poderia deixar de ficar surprehendido ao ver o que em tão breve tempo havia creado a influencia e a energia dos portuguezes.

A' esquerda iam-se desenrolando as terras montanhosas de Bardes e as lezirias chatas das pequenas ilhas de Chorão e de Divar, orladas de altos coqueiros euraizados na areia salgada, e balouçando nas brisas do mar a sua folhagem elegante, finamente laciniada. N'um ou n'outro ponto, por entre a columnata densa dos troncos erectos, viam-se as casitas baixas cobertas de olados lavradores canarins, e em volta os rebanhos de vaccas leiteiras, de um tom cinzento claro, guardadas por raparigas—a velha paisagem indiana, inalterada havia centenas e centenas de annos.

A' direita porém o aspecto era diverso. Deixando atraz os palmares de Pangun e Ribandar com as suas egrejas caiadas, semi-encobertas pela verdura, vão a apparecer os arrabaldes da cidade e a collina do Rosario, coroada pela freguezia de Nossa Senhora. Em baixo, ao longo da agua, via-se agora o vasto terreiro da Ribeira Grande, fechado pela linha de armazens, pela Moeda, pela ermida das Chagas, e pelas casas do védor. Ahi sobre os longos estaleiros descansavam as fustas em reparação, e os cavernames descarnados de galeões bem construidos, semelhantes e enormes esqueletos de animaes extinctos. Em volta na azáfama do trabalho activo agitavam-se os grupos de carpinteiros de machado, de calafates, de bombardeiros e de fundidores; em quanto ao outro lado alguns elephantes pachorrentos e inteligentes empilhavam methodicamente as preciosas madeiras, vindas de Chaul ou de Baçaim. Seguindo ávante, via-se o caes de Santa Catharina e o mercado do peixe, atulhado de gentios nús e de escravas, comprando e regateando; depois a Ribeira das Galés e a sua linha de barcos varados, depois o longo caes da Fortaleza; e ao fim a curva da terra, vestida do verde alegre das mangueiras, vindo quasi fechar a ria, no peço de Daugim.

Por cima dos edificios da margem, trepando pelas encostas das collinas, descobria-se a grande cidade com as suas altas casarias brancas, á européa, com as manchas verde-negras da viçosa vegetação tropical das suas hortas e quintaes, com os campanarios das suas quatorze egrejas, erguidos n'um céu azul, derramando no ar fino da manhã o som festivo dos sinos, que chamam os fleis ás missas. Agora já se distinguia no caes e nos terreiros a turba densa ondulando n'uma confusão vistosa de côres; algodões brancos de hindús, cabayas de mouriscos, setins alegres dos fidalgos, á mistura com as notas sombrias da roupeta negra de alguns jesuitas de S. Paulo, ou do habito pardo de algum capucho. Na ria não era menor a animação. Lá em baixo para os lados da barra, nas grandes naus fundeadas, de verga de alto, os soldados de guarda, preguiçosamente estendidos sobre os chapitús da pôpa, viam passar as grosseiras *champanys* dos gentios, ou as fustas de guerra finas, com as prôas aguçadas como um dente de narval, com os grandes latinos ferrados, com as lmbas de remeiros côr de cobre, luzidios de suor. Em frente da cidade flotilhas de tones e almadias, tripuladas por indios nús retintos, quasi negros, atravessavam da terra firme, carregadas de lenha, de arroz e de hortatiças, de grandes jarras de leite, vindo abastecer os mercados. Por toda a parte palpitava a vida, que accorda em volta de si uma cidade prospera e rica.»

Seria curioso completar este formoso quadro da capital da India Portugueza na sua aurora, revelando já o que havia de ser quando chegasse ao apogeu da sua grandeza, como o quadro que d'ella traça na sua irremediavel decadencia o sr. Thomaz Ribeiro nas suas esplendidas *Jornadas*. Se o nosso grande poeta, ao contemplar da janella do mosteiro da Velha-Goa onde se aquartellou, as ruinas da grande cidade, pudesse ler este bello quadro traçado pelo sr. conde de Ficalho, como o contraste se lhe apresentaria com mais vivacidade ainda, e como lhe pareceriam devéras tristes e lamentosos os sons que espalhava na solidão da cidade espectral o *sino d'oiro da Sé!*

Traçando o scenario onde hão de figurar depois os personagens que a phantasia do sr. conde de Ficalho arranca do fundo do passado, o sr. conde de Ficalho prepara-nos excellentemente para podermos tambem recompôr com a imaginação as scenas tumultuosas e pittorescas do nosso viver de conquistadores.

Primeiro occupa-se o sr. conde de Ficalho do governador, ou vice-rei, quando pela sua nobreza ou pelos seus serviços se lhe concedia esse titulo puramente honorifico; digâmos porém, antes de proseguirmos, entre parenthesis, que tão esbranjadores fomos sempre de honras que deviamos cuidadosamente guardar para com ellas recompensar altos serviços impossiveis de premiar de outro modo, que não tardou que esse titulo de vice-rei se

vulgarisasse espantosamente. Até D. João de Castro, apenas 4, entre 13 governadores, tiveram o titulo de vice-rei. Apenas o foram D. Francisco de Almeida, D. Vasco da Gama. D. Garcia de Noronha exclusivamente pela sua nobreza e pela sua idade, e D. João de Castro que o recebeu já depois de estar na India como recompensa dos seus altos serviços. De D. João de Castro a D. Antonio de Noronha já em 11 governadores, temos sete com titulo de vice-rei, de D. Antonio de Noronha ao conde da Ega vão 52 governadores, e d'esses 52 são 37 vice-reis! Pois não o fôra nem Affonso de Albuquerque, nem Nuno da Cunha!

Estão apontadas com finura e acerto as causas que levavam os chefes do dominio portuguez na India a praticarem os seus desmandos. Em primeiro logar tinham authoridade absoluta e infrene, desde a costa oriental da Africa até ao extremo oriente, em segundo logar estava tão pouco destrinchado o que era fazenda publica do que era fazenda particular que realmente os vice-reis e governadores consideravam o thesouro da India como os reis em Portugal consideravam o thesouro da nação. Faziam bolsa commum, e assim como, quando estavam esgotados os cofres, muitas vezes os governadores equipavam esquadras á sua custa, ou a sua custa reparavam fortalezas, assim tambem os governadores não hesitavam, para as suas despezas pessoases, em recorrerem ao cofre nacional.

Em seguida refere-se o sr. conde de Ficalho aos fidalgos que rodeavam o governador, que lhe formavam a côrte, que exerciam os commandos, e formavam muitas vezes o batalhão sagrado, e emfim aos soldados aventureiros do povo, sem organização nem assentamento de praça, se assim nos podemos exprimir. E como isso basta para nos explicar muitas coisas que tanto irritam os nossos austeros pamphletarios da historia! esses senhores que imaginam a India governada á moderna por um governador com posto de acesso e ordenado fixo, e guarnecida por uns regimentos destacados da metropole! Vejam o que era a organização militar, ou antes a desorganização militar do seculo XVI, e calculem depois d'isso se podia presidir a mais severa moralidade á occupação portugueza no Oriente.

Mas elles preferem entender que «lá fóra» correriam as coisas de outra maneira, que isto só no nosso paiz é que succedia, e que, se em vez dos bandos que o sr. conde de Ficalho nos descreve de soldados que vinham atulhando os navios da armada, que, chegando á India alugavam aos cinco e seis umas casitas pequenas, comendo nas mezas que davam alguns fidalgos mais ricos, e ás vezes o caldo nas portarias dos conventos, até que, chegada a estação propria, escolhidos pelos fidalgos para as guarnições das fustas, se iam matricular e receber os adiantamentos, se, em vez d'esses soldados de aventura que de Lisboa saíam todos os annos para a India, tivesse tido o Oriente a fortuna de ser conquistado pelos bandos dos *condottieri* italianos, pelos reitres da Alemanha, pelos Fallstoffs inglezes, ou por aquellas tropas cuja disciplina se manifestava por esse tempo brilhantemente em França nas guerras religiosas, ah! como o Oriente haveria sido feliz! e como teria sido com muito mais limpeza depennado em pouco tempo, por esses freguezes habituados a arrancarem, não sem os fazer gritar, a inimigos e a amigos, as pennas e a pelle!

Em seguida falla o sr. conde de Ficalho nos empregados de fazenda e nos empregados de justiça, que primeiro constituiram apenas uns organismos rudimentares. e que, á medida que se foi conhecendo melhor a riqueza da India, se foram multiplicando, sem outra vantagem que não fosse a de serem mais umas aves de rapina que caíam sobre a terra, corvos e milhafres e não aguias mas que ás aguias disputavam a preza. A eterna bulha entre os védores de fazenda e os governadores e entre os governadores e os ouvidores geraes enchea historia da India. Actual mudam os nomes e as coisas ficam exactamente na mesma. Percorram os archivos modernos da secretaria de marinha, e lá encontrarrão a prova de que não acabaram os ouvidores geraes nem os védores de fazenda, e que a bulha entre a espada e a toga, e ás vezes tambem entre o governo e a fazenda, apesar de serem os governadores—por bem mal entendida confusão—presidentes das juntas de fazenda, não deixa de continuar.

A respeito do clero pouco pôde dizer o sr. conde de Ficalho sem sair do seu assumpto, porque na epoca em que Garcia da Orta chegou á India ainda não estava ella inundada de padres de todas as ordens, ainda a Inquisição não accendera as suas primeiras chammas, comtudo de relance indica os principaes caracteres dessa população fradesca e mostra a importancia que adquiriram em Goa as festas religiosas, que se multiplicaram nas quinze freguezias, em que a pouco e pouco se foram sub-dividindo as quatro anteriores, já diviões da unica freguezia primitiva estabelecido em Goa conquistada.

O ultimo elemento emfim da população indiana eram os carados de Goa, população fixa que devia a sua origem a Affonso de Albuquerque, ensaio de colonisação, por assim dizermo, feito por elle e que era mais um dos meios de executar o seu plano de formação de um imperio luso-oriental. O sr. conde de Ficalho conta as difficuldades e amarguras que Affonso de Albuquerque teve de soffrer para conseguir levar por diante a sua colonisação a troça que se fazia aos casamentos feitos debaixo da sua protecção, mas é certo que ao systema estabelecido por Affonso de Albuquerque devemos o ter conservado Goa no meio de todos os nos-

dos desastres, e o termo feito d'essa provincia oriental uma provincia perfeitamente portugueza.

PINHEIRO CHAGAS.

## Uma historia triste

O cãozinho chamava-se *Mercurio*, e pertencia á viuva de um millionario. A dona não via outra cousa. Muita gente duvidava de que houvesse tido tantas ternuras para o defuncto marido.

Um rapaz, com bossa para a poesia, enamorara-se da viuva. Começou a formar castellos no ar, a ter verdadeiros sonhos de ouro, mas... o seu terrivel rival—*Mercurio*—inutilisava-lhe os esforços.

O cãozinho era arisco e enfadonho pelo seu constante ladrar, mas quando lhe dava para a mansidão tornava-se insupportavel, porque começava a lamber as mãos, a esfregar-se pelo fato das visitas da dona, e a encher tudo de pellos brancos.

De longe, ladrava de um modo tão secco e repetido, que atacava os nervos de quem o ouvia.

E todavia, a viuvinha encontrava tanta graça aos furores como ás lambedellas do seu *tóó*.

O rapaz, o poeta, assim lhe poderemos chamar, era timido modesto e, sobre tudo, muito paciente e resignado. Dizia bem de todos e tinha summo prazer em fazer um obsequio ou uma obra de caridade.

Contava com um sorriso de indulgencia e desculpa os desaires e humilhações que lhe fizeram soffrer os ricos a quem se atreveu a pedir protecção n'alguns dos seus momentos criticos. Por isso pediu poucas vezes, e um dia resolveu nunca mais pedir.

N'esse dia, longe de estar irado, ouviram-lhe dizer varias vezes:

—Pobres ricos!...

A sua alma christã condoia-se pelo futuro de além-campa que espera muitos ou quasi todos esses poderosos da terra.

Era de, ver todos os dias, sua ex.<sup>a</sup> o sr. D. *Mercurio* pavoneando-se no *landau*, ao lado da dona, por essa cidade fóra.

Quando lhe appetecia descer do trem, um laçao agalado apressava-se a recebê-lo nos braços e a pô-lo cuidadosamente no chão, seguindo os seus passos.

O pobre poeta era sempre encontrado, por essas ruas de Deus, preocupado como um homem que não espera uma palavra de amor, uma phrase affectuosa, um comprimento de quem quer que seja.

Caminhava... caminhava... Era o judeu errante da esperança.

Ia do theatro a casa do editor, e d'esta á redacção de um jornal, onde apenas ganhava para se alimentar mal e vestir peor. Antes, porém, passava por debaixo das janellas da viuva, que o olhava com indifferença.

No dia seguinte, acabrunhado com as decepções da vespera e com as insomnias da miseria e do trabalho, seguia a sua peregrinação.

O seu aspecto de homem faminto e o seu fato de côr duvidosa, faziam com que muitos porteiros e criados lhe embargassem o passo, quando procurava alguém. Era inverno, e nem sequer tinha um sobretudo para se livrar dos rigores do frio.

A viuvinha bordara uma rica cobertura para o seu *Mercurio*. Era de seda azul celeste, estofada por dentro, não lhe faltando monogramma a ouro e arabescos de fino gosto. Todos paravam a vê-lo, com o seu sobretudo, como lhe chamava a dona. Apesar da intensidade do frio, se algum risco corria era o de morrer *abafado*.

Na madrugada de um dia de janeiro, o poeta passava por debaixo das janellas da mulher que adorava. O thermometro descera consideravelmente. O seu fato de verão, que tanto se lhe podia chamar castanho, como verde, preto ou amarello, os buracos dos cotovellos e os ventilladores que lhe arejavam mais do que hygienicamente a parte que fica inferior aos illiacos, faziam-n'o tiritar tossindo, e dando fortes pancadas no chão com os pés, que o ceu dizia ir em calçados, em contradicção do que a terra affirmava.

Mettia dó.

Dó... mas a quem?

Aos que o encontravam, e que receiavam chegar um dia áquella penuria. Os ricos, que voltavam das casas de jogo, ou das alcovas extra-domesticas, nem sequer davam por elle.

Só os que soffriam lhe avaliavam as penas. N'esse dia o poeta não tinha dinheiro para comer.

Horas depois despertava a viuva, e chamando uma criada determinava o *menu* do almoço de *Mercurio*, porque o animalzinho andava com fastio, magro, abatido, e era preciso variar-lhe a comida, a ver se o appetite voltava. A cosinheira já tinha percorrido toda a qualidade de pasteis; era preciso mandar buscar alguns de recente invenção.

N'esse dia o comprador levou, só para fornecer a *mesa* do *tóó*, uma nota de 40\$000 réis.

—Compre tudo, Manuel, tudo quanto veja que o pobre cão pode appetecer!

Durante o mez, muitas vezes se ouvia dizer ao poeta.—«Hoje, é dia de jejum. A'manhã talvez possa comer alguma cousa.»

E quando essas refeições chegavam, raras vezes o pão deixava de ser negro como o basalto, e o queijo duro como o granito.

Total da despeza... um pataco.

Tudo acaba n'este mundo.

*Mercurio* arrebentou um dia com uma indigestão de pasteis comprados no Ferrari.

Que pena! A viuvinha quasi que o ia seguindo á cova.

Podem crêr que chorou lagrimas sinceras, como não as vertera pela morte do marido.

No fundo do jardim mandou levantar um mausoleu de marmore, com gradeamento de bronze, mandando-lhe plantar ao lado um lugubre chorão.

Um sujeito, frequentador da casa, deu a noticia nos jornaes e escreveu um epitaphio para o tumulo.

Dias depois a policia encontrava nos arredores da cidade o cadaver de um homem, cujo aspecto denunciava extrema pobreza.

Procedendo-se ás competentes averiguações, soube-se que era o infeliz poeta, cujo talento só lhe serviu para aggravar as suas penas.

Ficára orphão aos doze annos. Escasseando-lhe as forças phisicas para trabalhar, mas esperançado no seu talento, veio para a capital em demanda de uma occupação que lhe permittisse trabalhar e estudar.

Suppoz-se primeiro que era um suicida, mas os medicos que o autopsiaram disseram que morrera de fome!

Um visinho, que fóra á casa mortuaria attrahido pela curiosidade, exclamou ao vê-lo:

—Pobre rapaz! Tinba habilidade... mas levava uma vida de cão.

Vida de cão!

Não desejaría ter tido outra vida!

Quando o enterro do poeta passava para o cemiterio, pela rua da viuva, esta vendo o retirou-se soluçando...

Aquelle enterro recordou-lhe a perda do seu *Mercurio*.



O CONDE DE MIRASOL



O BRIGADEIRO VELARDE

## OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 8 DO 3.º ANNO)

VI

## Era uma vez um Fonseca!

—Uma pasta... Eu?...

—Sim, você, porque não? disse o Silveira.

—Perdão, mas é que eu não sou homem politico... nunca me filiei em nenhum partido.

—Filia-se no nosso, disse o presidente do conselho, e dá-nos muita honra com isso.

—Agradeço immenso a V. Ex.ª e agradeço-lhe tambem a você, Silveira, o terem-se lembrado da minha humilde pessoa e do meu obscuro nome, mas peço-lhe licença para reflectir.

—O que tem você que pensar? diga que sim e vamos a escolher a pasta que lhe convem.

—Não insista, Silveira, atalhou o presidente do conselho. O sr. Fonseca quer pensar e faz bem. S. Ex.ª nunca fez politica activa, e não podemos exigir que de um momento para o outro dê um passo tão sério, tão grave na vida social, como é um credo politico.

E voltando-se para o Fonseca, o conselheiro Malaquias continuou.

—V Ex.ª pensa, medita e resolve, na certeza de que, seja qual fôr a sua resolução, será acatada por nós com o profundo respeito e entranhada sympathia, que nos merecem, a nós e ao partido, o seu austero character, as suas altas qualidades de homem particular e de homem publico.

—Muito obrigado, senhor conselheiro, agradeceu muito pnhorado e muito commovido o Fonseca, e creia que serei eternamente grato ás provas de def-rencia e de consideração que V. Ex.ª e o partido que tão dignamente representa, acabam de me dar ás duas horas da madrugada n'esta sua casa.

—Agora o que lhe peço, sr. Fonseca, é que não demore a sua resposta, que me aprazo em esperar, sera conforme aos desejos ardentes de todos nós. O gabinete não está completo ainda, e é indispensavel que eu amanhã ás duas horas, o mais tardar, apresente a el-rei a lista completa dos novos conselheiros da corôa.

—Amanhã ao meio dia terei a honra de enviar a V. Ex.ª sem falta, a minha resposta.

O conselheiro Malaquias e o Silveira despediram-se amavelmente do Fonseca, que os acompanhou até ao patamar da escada, curvando-se cá em cima, diplomaticamente, como se já estivesse n'uma recepção da côrte.

Ao entrar no trem, o conselheiro, accendendo um charuto, disse aborrecido para o Silveira:

—Sim, senhor, você sempre me meteu em boa! Se elle aceita, estamos arranjados!

—Ora essa, porque?

—Porque? E' um tolo chapado, você não vio o discurso que elle fez? Se vae fallar assim para as côrtes, cahimos com uma montaria da opposição, como nunca cahiu nenhum governo em Portugal.

—Ora adeus, você verá como elle nas côrtes falla bem; não hade ser orador para replicas promptas, para improvisos brilhantes, mas hade estudar seriamente os assumptos...

—Você endoideceu, atalhou o conselheiro Malaquias.

—Hade estudar seriamente os assumptos... e os discursos que eu lhe fizer, concluiu o Silveira rindo muito.

—Você toma tudo isto de chalaça e sempre quero ver com que cara heide apresentar a el-rei o nome do sr. Fonseca na lista dos ministros.

—Ora essa! com a mesma cara com que lhe aceitámos os contos de réis para fazer triumphar a minha eleição ha tres annos.

Em quanto o conselheiro Malaquias e o Silveira de dirigiam para casa, discutindo os meritos problematicos d'aquelle que acabavam de fazer sair da cama para lhe darem uma cadeira do poder, o Fonseca, apagando todas as luzes da sala, tendo previamente olhado bem para o espelho para ver pela primeira vez a sua cara de ministro, dirigiu-se radiante de alegria para o quarto da sua governante e, tão cego de felicidade ia, que nem sequer reparou no creado que, de pé, no corredor, esperando as suas ordens, olhava espantado para o descaramento d'aquelle engano de quartos.

E, depois do Fonseca ter entrado, o creado, com uma cara atrevida e um sorriso brejeiro, aproximou-se da porta e bateu mansinho com os nós dos dedos.

—Quem está ahí? perguntou surprehendido e assustado o Fonseca.

—Sou eu, meu senhor.

—O que é que tu queres? interrogou com mau humor o dono da casa.

—Desejava saber, disse com fingida humildade o creado, se V. Ex.ª quer que o ajude a despir ou se me posso já deitar?

—Ajuda, ajuda, disse o Fonseca, offerecendo de lá a manga do casaco ao creado, que não se tirava da porta. Ajuda!

E depois, como que em extasis, murmurou com os seus botões:

Ajuda. Amanhã ou depois vou lá fardado.

—E reparando em que estava ha mais de dois minutos sem ninguem lhe puxar a manga, gritou para o creado, com mau humor:

—Então você pucha, ou não pucha? quer talvez que eu vá á porta.

—E' que não sei se me atreva a entrar; a senhora está deitada, disse o creado com uma ingenuidade cheia de malicia.

—O Fonseca então cahiu em si, e muito atrapalhado desculpou-se:

—Ora esta minha cabeça! Tens razão. Entrei n'este quarto pensando que era o meu. Estou tão estremuado que já não sei por onde ando.

—Eu bem me queria parecer. murmurou o creado com fingida innocencia, acompanhando o Fonseca ao seu quarto de dormir.

N'um momento, o futuro ministro fez a sua *toilette* de noite, mettu se dentro da cama e disse ao creado:

—Podes-te ir deitar.

—Quer que apague a luz? perguntou este, preparando já o sopro.

—Não, vou ainda lér.

O creado sahiu, e o Fonseca, de pé atraz com a scena, um bocadinho escandalosa, que acabava de se dar, ficou um pedaço de ouvido á escuta, á espera de sentir desvanecerem-se ao longe, no corredor, as passadas do creado e de ouvir fechar a porta que communicava com o pavimento inferior onde se alojavam os serviçaes.

Tão depressa sentiu fechar essa porta, o Fonseca saltou da cama em camisa de noite, e sem mesmo se dar ao trabalho de calçar as chinellas porque os quartos eram bem atapetados, pegou na palmatoria, abriu a portinha que junto ao seu leito communicava com os aposentos da governanta e atravessando muito rapido até ao pé do leito de Antonina, principiou a sacudil-o violentamente, gritando-lhe a medo, para não ser ouvido pelos criados:

—Antonina, Antonina, acorda!

Antonina espargiuçou-so languidamente, abriu os olhos, mas fechou-os logo, ferida pela intensidade da luz que o Fonseca tinha na mão, e perguntou meio a dormir:

—O que é isso, ha alguma novidade?

—Ha, ha... Ha uma grande novidade!

—Uma grande novidade? perguntou Antonina, abrindo ja os olhos, e arrostando com a luz. Que novidade é?

—E' eu ministro.

Antonina sentou-se na cama, olhando-o mui fixamente, com certo receio, e sem comprehender bem o que se passava.

—O que dizes tu? insistiu.

—Ministro, estou ministro!

—Vae-te deitar, dorme, dorme, aconselhou Antonina, julgando que o Fonseca era victima de algum pesadello.

—Dormir quando sou chamado ao poder?!

—Que horas são?.

—Estão a dar tres horas, o conselheiro Malaquias sahiu d'aqui agora mesmo.

—O conselheiro Malaquias? O que veio cá fazer?

—Veio convidar-me para ministro.

—O quê, a estas horas da noite?

—A estas horas da noite, sim senhora. Sua Magestade quer isso decidido depressa, e por isso não ha noite nem tarde, é tudo dia para o serviço do estado.

—Mas o quê? fallas serio? convidaram-te para ministro?

—Sim, senhora, agora mesmo; amanhã já tenho correio atraz. Ministro e secretario d'estado dos negocios de qualquer cousa, disse o Fonseca radiante e esfregando as mãos muito contente comsigo, com o Malaquias e com o paiz.

—Ministro! Tu?! Repetiu Antonina muito admirada, sentando-se na cama.

E olhando para o Fonseca descalço, em fralda de camisa e esfregando as mãos já com ar de estadista, Antonina desatou a rir como uma creança.

(Continúa).

GERVASIO LÓBATO.

## OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O D. Alvaro

Chamava-se D. Alvaro Henriques Rcmulo de Sousa Tavares, nada mais, e nada menos. Era de uma fealdade hereditaria, mesmo



AO SAHIR DA ESCOLA

excepcional, mas attenuava a pirraça que a natureza lhe fizera, vestindo-se com uma elegancia que o proprio Antonio da Cunha Sotto Maior não desdenharia, se o forçassem a aceitar figurino.

Enteado de um velho general de engenheiros que aprendera no seu Vauban a levar de assalto as praças fortes, a mãe de D. Alvaro, de quem o filho era o verdadeiro retrato, deixou-se conquistar, passando a segundas nupcias com o experimentado cabo de guerra.

Liberto da auctoridade do padrao (a estrategia do general excluia as escaramuças com o enteado) D. Alvaro gastava á farta do que era seu, apenas sopeado pela mãe, que lhe aconselhava a guardar um bocado de pão para a velhice.

Como um alfaiate só não satisfizesse aos seus requintes de *toilette*, um lhe fazia as calças, outro lhe cortava os phantasiosos casacos, um outro ainda se encarregava do talhe dos colletes. Amigo intimo de Domingos Ardisson, era este quem, arvorado em mentor de tão docil Telemaco, o guiava pelas sendas tortuosas dos bastidores do theatro de S. Carlos, pondo cõbro á accitação que elle julgava merecer ás dançarinas, e mais não era, do que namoro á bolsa do perdulario.

Um dia D. Alvaro deixou-se fascinar pelas toiradas chamadas dos fidalgos, e quiz tambem experimentar para que lhe chegava a habilidade, mas convenceu-se em breve de que não podia passar de moço de curro, abandonou a carreira, não sem ter apparecido na praça vestido com apurado esmero, mas fugindo sempre ás primeiras arremessadas do toiro.

Já proximo dos quarenta annos resolveu-se casar com uma senhora *menina e moça*, como a do Bernardim Ribeiro, e tambem rica, qualidade pouco romanesca, mas indispensavel, nos casamentos chamados de conveniencia. Recordo-me de haver sido advogado da parte adversa a D. Alvaro, n'este lance da sua vida domestica, defendendo as aspirações matrimoniaes de um seu rival, perdendo eu a causa de que era patrono, *ex-officio*.

Passados poucos annos enviuvava D. Alvaro, mas ficava-lhe uma filha a garantir-lhe a posse dos haveres da finada esposa. Com o seu crçamento assim equilibrado, resolveu D. Alvaro partir para Paris a espaiar as suas maguas, e na desculpavel intenção de rejuvenescer com as alegrias da grande cidade.

Era pela epocha da primeira exposição universal que teve logar em Paris, e em pleno reinado de Napoleão III. Paris regorgitava de forasteiros, attraídos não só pelo seu certamen industrial, mas pelos milhares de diversões de todos os generos, com que a imaginação franceza sabe sobredoirar todas as insignificancias. No numero das novidades parisienses entrava então uma mulher que prognosticava futuros, e fazia andar a cabeça á roda a quem a consultava pela exactidão dos seus vaticinios. Não era a formosa franceza uma bruxa vulgar, como as nossas são, tirando cartas, queimando alecrim, dando curso ás suas nigromancias na fé do velho S. Cypriano, o mais acreditado dos desvendadores de verdades reconditas.

A franceza que se dispozera a especular a credulidade dos forasteiros, accudidos a Paris em nome da exposição universal, era uma mulher ainda nova, bonita, de olhar meigo e fallas atrahentes. Dizia-se que não havia esposa infiel em que ella não pozesse dedo; avarento que não visse denunciados os seus thesouros; namorado que não soubesse em que lei havia de viver, depois de ter ouvido a palavra solemne da pythonisa. Muitos portuguezes, guiados uns pela simples curiosidade, outros pela fé, de que em publico se envergonhavam, iam surrateiramente, ás escondidas, consultar a feiticeira.

No numero dos peregrinos entrou D. Alvaro, levado, devemos crê-lo, mais pelos olhos da mystificadora, que era alem d'isso um modelo de estatuaría, do que pelo convencimento de ver tirados a limpo os arcanos do futuro.

A intrepida feiticeira vio-o, estudou-o, fez-lhe algumas perguntas insidiosas, analysou-lhe detidamente as linhas da palma da mão, e concluiu por lhe prophetisar um paraíso de Mafoma, com muitas huris, esbeltas e pouco esquivas, e muito dinheiro para comprar as graças das mais rebeldes, mas... aqui é que iam as tristezas do horoscopo, tudo por pouco tempo, por que ao regressar á patria devia dar uma queda fatal, que seria o termo de uma existencia levada a cabo por uma estrada semeada de flores.

Um anno depois D. Alvaro sabia de sua casa, no alto da rua de S. Bento, mettia-se no seu trem, puchado a dois cavallos, e que elle proprio costumava guiar, com a mestria de um cocheiro de profissão. Ainda bem não tinha tocado nos cavallos, quando estes partiram ás cegas em vertiginosa carreira, tomando o freio nos dentes, e cuspindo violentamente D. Alvaro de encontro á quina de um portal, deixando-o morto instantaneamente.

Os amigos mais intimos de D. Alvaro diziam depois, que elle ficára sempre preocupado com a triste prophesia que lhe fizera a espiritista, e que, procurando sempre evitar as occasões de a vér realisar, do médo de que se deixára possuir resultára o tragico acontecimento de que acabava de ser victima.

O caso é que, ainda mezes depois de se haver realiado a prophesia da franceza, conheci alguns lentes das escolas superiores do nosso paiz, e alguns funcionarios de elevada cathegoria, que tambem tinham consultado a Egeria, parisiense, preocupados e tristes, receiando vér verificados os prognosticos da tentadora.

Alguns d'elles ainda vivem. A's vezes, quando os encontro pergunto-lhes:

— «Então como vamos, a respeito de bruxas?»

A resposta é um sorriso, um d'estes sorrisos amarellos, como lhe chamam, que não dizendo nada, significam muito. Eu estou em dizer que a espiritista que exemplificou em D. Alvaro a sua presciencia do futuro, ainda hoje trota no animo de muitos que a consultaram, embora alguns d'elles sejam já conselheiros, qualificacão que entra tambem pelos dominios... da bruxaria.

### D. Braz da Silveira

Era um bastardo da casa dos marquezes de Minas, que fõra alferes da antiga brigada real de marinha, apesar de não saber lér nem escrever!

Lisboa inteira conhecia o D. Braz pelo seu physico verdadeiramente comico e excepcional; e ao uniforme militar de que usava, deveu elle o não ter cahido no dominio do rapasio que assobiou o *Escalado*, e dava gebadas no *Peixe Frito*, dois pobres diabos que pelo mesmo tempo alegravam a plebe com os seus desconcertos intellectuaes, e com a sua miseria.

O fidalgo D. Braz da Silveira soubera esquivar-se á popularidade ruidosa dos apupos da praça publica, e era nos salões que elle ostentava as suas prendas de hístrião, fazendo uma coisa a que elle chamava versos, dançando o solo-inglez, e contando bestialmente a façanha que praticára em 1834, á sombra do laço azul e branco, invadindo um convento de freiras, e sendo enxotado como um cão pelas proprias freiras. A principal monomania do D. Braz era a da poesia, e era quasi exclusivamente pela prenda de desconchavar em linhas curtas, de que elle proprio não entendia o sentido, que lograva ter entrada nas casas mais conhecidas da capital.

O marechal Saldanha, com aquella largueza d'animo que ficou proverbial, se não se divertia directamente á custa dos dilates do D. Braz, protegia-o, e consentia que o seu estado maior desse publicidade a um folheto do pobre matuto, ornado com o retrato do auctor.

Para salvar a sua prosapia de aristocrata, e não se confundir, dizia elle, com qualquer outro D. Braz da Silveira, de menos nobre extracção, annexára ao seu nome e appellido, mais esta guisalhada de nomes e appellidos, *Amalio Coito Severu*, em orthographia sonica, a unica que elle fingia saber, e que ainda assim deturpava.

O D. Braz da Silveira era casado, e dono de um pequeno predio á esquina da rua do Sol ao Rato, como quem vira para a rua de S. Bento. A mulher chamava-se D. Mathilde, mas elle christmará-a em *D. Mathéa*, e dava a rasão da christma, dizendo que a mulher era de origem hespanhola, e que por isso *Mathéa*, e não *Mathilde*, se devia chamar!

Vivendo exclusivamente do soldo d'alferes, pago pela tarifa de 1790, e dos mingoados rendimentos do predio que possuia, e não lhe chegando o dinheiro para os concertos, era elle proprio quem amanhava os telhados da casa quando se arruinavam, sem se dar ao incommodo de despir a sobrecasaca militar, e julgando ser bastante, para se disfarçar em pedreiro, o pôr na cabeça um barrete de lã azul.

O D. Braz era auctor de um embroglio a que chamava comedia, em que entravam apenas tres figuras, elle, que fazia o galan, requestado pela amada *Preta*, que era vencida no amoroso pleito pela amada *Branca*, morrendo os tres personagens no fim da peça, não se sabendo ao certo por qué, nem por que não!

Uma vez, no dia do anniversario natalicio do Sr. D. Pedro V, alguém de pouco bom gosto completou o usual uniforme de D. Braz com um chapéu armado enfeitado de plumas brancas e vermelhas, pôz-lhe á cinta um chanfalho de latão, curvo como o alfange de um moiro, calçou-lhe luvas de linha branca, e mandou-o ao paço felicitar El-Rei!

O D. Braz foi, e sem ninguem lhe pôr embargos, chegou a beijar a mão do monarcha, surprehendido de vér em tão solemne acto aquella figura carnavalesca, que aliás já conhecia de vér pelas ruas da cidade arrastando os seus setenta e tantos janeiros.

O D. Braz era irmão do Santissimo da freguezia de Santa Izabel, e todos os annos, pela Semana Santa, discutia com o juiz o logar que lhe competia ás varas do pallio, ou na procissão do enterro.

Vidente, como são ás vezes os ignorantes mesclados de doídos, o D. Braz advinhára o moderno *vellapuk*, a futura lingua das alfandegas e dos lupanares, e inventara tambem um vocabulario para seu uso.

Assim, por exemplo, quando apertavam de mais com elle, gracejando, e chegando a ponto de o fazer irritar, o D. Braz respondia seccamente, e mal humorado, *rimbofias-crisnadigas*, o que, segundo elle, significava uma injuria de tal ordem, que nós não podemos transcrever para aqui sem offender o ouvido do leitor.

O D. Braz viveu perto de 80 annos, pugnando sempre pela integridade dos seus fidalgos brasões, e subindo pontualmente todas as primaveras ao telhado do seu pequeno predio, para reparar os avarias do inverno, e viver em paz com os seus inquilinos. Poucos annos antes de morrer o D. Braz enviuvava de *D. Mathéa*, e contava em segredo, ás pessoas do seu conhecimento, factos...



que com certeza não podiam ser contadas em voz alta, sem des-credito para a sua perspicacia de marido.

### Antonio Pereira Ferrea Aragão

Foi um honrado escrivão do tribunal da Relação, de caracter concentrado, e de um optimismo que tocava as raias da simplicidade. Dizia-se doutor em mathematica pela Universidade de Paris, mas abandonára as mathematicas pelas musas, que tão mau pago lhe deram sempre.

Basta lêr os titulos dos dramas, romances e poesias de Ferrea Aragão, para desde logo se ficar suspeitando que o homem, podendo ter ser um bom escrivão, era de facto um ruim escriptor.

A actividade de Ferrea Aragão foi de 1842 a 1851, e o dramalhão intitulado *O Cego da Fonte de Santa Catharina*, de que desde logo lhe contestaram a originalidade, uma das primeiras, se não a sua primeira composição theatral.

O Conservatorio, quando era ainda o encarregado de fazer a censura dramatica, depois a commissão adjunta ao theatro de D. Maria II, por ultimo os pobres empresarios, tremiam ao vêr Ferrea Aragão sobraçando um volumoso manuscripto, encaminhar-se para a rua dos Caetanos, ou para a Praça de D. Pedro, o que era signal certo de drama em muitos actos, com prologo e epilogo, grandes tiradas de sentimentalismo banal, e peripecias que se advinhavam, apenas se lia a exposição.

No romance, Ferrea Aragão, era de uma prodigalidade em deixar correr a pena pelo papel, que contrastava com a penuria dos enredos, e os desconchavos das paixões dos diversos personagens.

O auctor da *Orphã portugueza e o seu tutor, ou as duas ultimas venerandas victimas da usurpação dos Filipp's*, que devêra ficar phytico só ao escrever o titulo da obra, ainda teve alento para escrever quatro volumes a respeito da orphã e do seu tutor, restando-lhe forças para seis annos depois publicar «*Virginia, Afonso e Coronna, ou o mais nobre sacrilegio do coração de duas virgens*» mas só em dois volumes, já metade da dóse que andava avésada a fazer tragar ao publico.

Embisoirado e casmurro, Ferrea Aragão tanto parafusou, que chegou a convencer-se de que era propheta! No final de uma ode dedicada a Pio IX, em 1848, o auctor declara que no espaço de vinte annos se tinham realisado não menos de seis vaticinios, que em diversas epochas fiseram! Este dom de desvendar futuros não logrou poupar-lhe uma desanda que em 1850 lhe deu o Sampaio da Revolução, e a que a victima replicou com uma ode, offerecida a El-Rei o Senhor D. Fernando, em que apesar de uma affectada modestia, transparece uma pontinha de orgulho, feição dominante de quem a escrevera. Este desforço poetico do auctor da «*Orphã portugueza e seu tutor, etc.*», diz assim, no cabeçalho da poesia: *Grave accusação feita pelo sr. Sampaio, redactor da Revolução de Setembro, ao muito obscuro e nullo vivente, Antonio Pereira Ferrea Aragão*».

Pois o *nullo e obscuro vivente*, como elle a si proprio se alcu-nhava, propunha-se deputado em 1851, dando á luz um manifesto em que dizia ser nascido na Aldêa da Torre, duas leguas ao Sul de Trancoso, ser orphão de mãe desde os 11 annos, ter ido para a Universidade, na qual se mostrára *fraco estudante em mathematica, e perdera um anno*, emigrando para França em 1824, e volvendo ao reino em 1827, d'onde nunca mais sahir!

Dada, sem ninguem lh'a pedir, esta certidão d'idade, o *nullo e obscuro vivente* segue fazendo o seu proprio panegyrico, allegando a sua probidade e bons costumes!

Os eleitores ficaram surdos ao manifesto do seu candidato, lançando-se outra vez Ferrea Aragão na carreira das lettras, publicando odes, dramas e romances em grande quantidade, com visivel prejuizo da qualidade.

No mesmo anno em que Ferrea Aragão se propunha deputado, publicou o seu *Diccionario Mnemotechnico*, talvez no intuito de auxiliar a memoria dos eleitores; e depois a «*Arte Latina Mnemotechnica*, para aprender a declinar e conjugar rapidamente, calmante sem duvida applicado ás suas decepções de poeta e de patriota.

Antonio Pereira Ferrea Aragão, que fundará e dirigira um collegio intitulado «*Instituto Litterario e Scientifico*» morreu de febre amarella em 1857, sem lograr a invejada honra de sentar-se nas cadeiras de S. Bento, e d'ahi defender as idéas que em 1837 exposera na sua «*Vigilia do Capitolio*» periodico de que fôra exclusivo redactor.

L. A. PALMEIRIM.

## DANSA MACABRA

(A JOAQUIM LOPES DE OLIVEIRA)

*Nell' eterno dolore?*

Um phantastico mundo de visões  
sinto em sonhos passar na minha mente,

sinto passar esse tropel ingente  
em demanda de incognitas regiões.

Para onde vão os tristes esquadões  
N'aquella marcha allucinada, ardente?  
ellas lá voltam, de novo, de repente,  
enchendo o ar de gritos, maldições.

Não sei, não sei que lobregos fadarios  
assim fazem sahir dos seus sudarios  
a procissão dos brancos esqueletos!

Porque sahem da cova? Porventura  
não encontraram paz na sepultura,  
ou Deus no céu, os lividos Hamletos?

Mangualde, outubro de 1885.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

PRAÇA DO PELOURINHO NA FIGUEIRA DA FOZ

A villa da Figueira da Foz, de que hoje damos em gravura a praça do Pelourinho, está situada proximo da foz do Mondego, a 44 kilometros de Coimbra.

O engrandecimento d'esta importante povoação data do começo do presente seculo. Foi elevada á cathogoria de villa por decreto de 12 de março de 1771.

O enorme incremento da Figueira é principalmente devido á decadencia do porto de Aveiro.

Os generos principaes da sua exportação consistem em vinhos, azeite, fructas, mórmente excellentes laranjas das margens do Mondego, cereaes, e magnifico sal extrahido das marinhas proximas á villa. As más condições do seu porto teem melhorado consideravelmente com as dispendiosas obras ali executadas para a desobstrucção do mesmo.

Os edificios que devemos mencionar na villa, são: igreja da Misericordia, convento de Santo Antonio e o arruinado castello de Santa Catharina.

A praia da Figueira é a melhor das de Portugal, para banhos do mar, e concorrem ali, todos os annos, muitas familias do paiz e de Hespanha.

O CONDE DE MIRASOL E O BRIGADEIRO VELARDE

*(Victimas do ultimo pronunciamento de Madrid)*

Eram amigos inseparaveis, companheiros de infancia, corre-ligionarios politicos, e ambos succumbiram, quasi á mesma hora, varados pelas balas dos sediciosos dos regimentos de Albuera e Garellano, na noite de 19 de setembro ultimo.

O conde de Mirasol, D. Luiz Aristegui y Doz, foi alumno do collegio de artilheria em 1846. Tenente da mesma arma em 1854, e achando-se ás ordens do marquez del Duero, em 1856, mereceu a cruz de S. Fernando e a promoção a capitão de cavallaria.

Na campanha de Africa distinguiu-se muito por actos de extraordinario valor. Acbou-se em quasi todas as acções d'aquella gloriosa lucta, e figurou notavelmente nas batalhas de los Castillejos e das planicies de Tetuan, obtendo o posto de major de infantaria. O combate de 31 de janeiro e a tomada de Tetuan valeram-lhe a effectividade d'esse posto.

Na insurreição de 22 de junho de 1866 recebeu um ferimento grave, e desde essa epocha fôra considerado como um dos mais valorosos e leaes defensores da monarchia, pelos eminentes serviços prestados na gloriosa campanha sustentada pelo general O'Donnell nas ruas de Madrid.

Esses serviços valeram-lhe o posto de tenente-coronel.

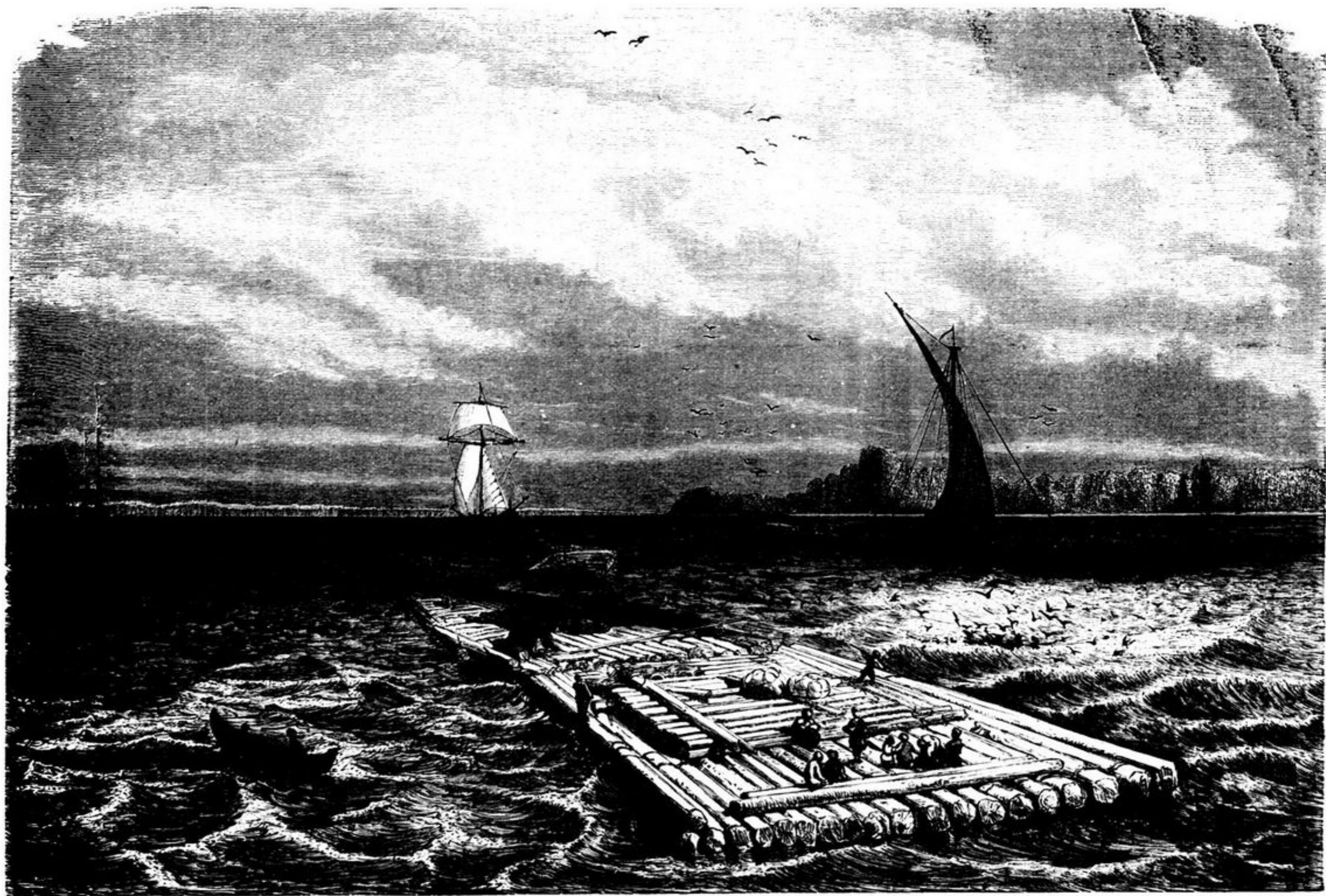
Durante a guerra carlista assistiu ao bloqueio de Pamplona e ás acções de Villatuerta e S. Christovão.

Depois, foi nomeado ajudante de Sua Magestade El-Rei D. Affonso XII, ao qual acompanhou na sua viagem á Allemanha, tendo sido antes seu instructor militar.

Passou por ultimo a commandar o regimento de artilheria aquartelado nos Docks, cargo que desempenhava com a maior distincção, ao occorrer o nefasto acontecimento de 19 de setembro.

O brigadeiro Velarde, D. Clemente Velarde y Gonzales, sa-hio em 1846 da academia de artilheria, com o posto de tenente.

Fez com distincção toda a campanha da Catalunha nos annos de 1848 e 1849, formando logo parte, com a sua bateria, do corpo expedicionario, que ás ordens do general Cordoba, passou á Italia e occupou os Estados da Igreja.



JANGADAS E PRAAMS NO RIO DWINA

Em julho de 1856 bateu-se valorosamente em Madrid, sob o commando do general Dulce.

Assistiu a toda a campanha de Africa e tornou-se muito distincto nos combates occorridos durante os mezes de dezembro e janeiro, sendo recompensado com a cruz de S. Fernando pelo seu heroico comportamento na batalha dos Castillejos. Pelo seu valor e serenidade admiraveis foi elevado a major na batalha de Tetuan.

Na insurreição de 22 de junho de 1866, de triste recordação como tantas outras, Velarde deu testemunhos eloquentes da sua coragem e lealdade pela monarchia, que sempre acompanhou até á hora da morte.

Passando depois ao ministerio da guerra, foi muito louvado pelo seu comportamento e serviços, merecendo por elles a nomeação de commendador da ordem de Carlos III; e, em 1884, passou a commandar a brigada da divisão de artilheria, cujo cargo desempenhava no dia da sua tragica mas gloriosa morte.

D. Clemente Velarde era homem de vasta illustração e dotado de pouco vulgar intelligencia. Grande e nobre coração, contava por centenas os seus amigos e gosava as sympathias geraes.

#### AO SAIR DA ESCOLA

Os traquinas de hoje são os sabios de amanhã; as crianças de agora, os homens do futuro e as mães, das quaes o nosso poeta diz:

Criam-se ao vosso peito os seculos vindouros.  
Sois vós que tendes n'alma a seiva, os mil thesouros,  
A herança do porvir.

.....  
Primoroso quadro!

O mestre—boa cabeça, ar de bonhomia, passa culpas, ralhando muito, mas ralhos amigaveis, que acabam sempre por uma festa, um sorriso e um conselho; o sitio é pittoresco—arvores, sombra e frescura; a escola espaçosa, arejada e limpa.

Deve-se estar lá muito bem.

Os passariuhos a gorgaem cá fóra; elles—os pequenos—a chilrearem lá dentro.

E com todo o attractivo do logar, do professor e da aula, o que elles querem é sair: sair da escola, saltar nos barquinhos, atravessar o rio e ir para casa merendar, retouçando na horta, até se aconchegarem, ao descer da noite, no regaço da mãe, para dormirem na tranquillidade innocente do somno da meninice.

O' deliciosa quadra da vida! Encantadora e feliz idade que passas e não mais voltas!

Cuidados... o *abc*. Receios... a pobre mendiga do sitio que alcunham de feiticeira. Tristezas... a rosa que o vendaval desfolhou, ou o brinquedo que se fez pedaços.

Esperanças... todas as que illuminam um largo horisonte. Crenças... as que affagam a alma, ao candido desabrochar da vida. Alegrias... todas as breves e suavissimas horas que deslissam sob um amoroso olhar de mãe e uma benção carinhosa de pae.

Dá prazer olhar para a gravura. Tem a gente a grata impressão da saudade de si mesmo.

Todos fomos assim—creanças e felizes.

Todos, como elles, saíamos da escola ao entardecer dos formosos dias de outro tempo.

A gravura, sob o ponto de relação artistico, é muito de apreciar. O todo da composição, o movimento d'aquellas figurinhas gentis, a expressão das physionomias, todos os promenores, emfim, revelam observação e gosto.

#### JANGADAS E PRAAMS NO RIO DWINA

O viajante que percorrer o Dwina, formoso rio da Russia europea, encontra sobre as suas aguas grande numero de jangadas e de *praams*, que lhe prestam interessantes indicações sobre os habitantes d'aquellas paragens. As jangadas são formadas de madeiras de construcção e de troncos de pinheiros ligados entre si por grossos vimes; em cima teem um cubiculo, feito grosseiramente de tabuas, em que o dono da jangada dormita, enquanto que homens assoldados trabalham na praia, ou ajudam a accelerar a marcha do transporte. Estas jangadas descem o Dwina o os seus afluentes n'um percurso de trezentas a quatrocentas leguas. Nas cidades tripulam-se as jangadas gratuitamente; muitos aldeões pobres, desejando ir ao sanctuario de Solovetsk, sentem-se felizes, quando por este modo podem descer o rio. Para pagar a passagem, estes peregrinos ajudam ás manobras, remam, ou arrastam estas pilhas de madeira nos baixios.

Nos *praams* a vida é menos pesada do que nas jangadas. A forma d'estas embarcações assemelha-se um pouco ao brinquedo chamado *arca de Noé*; é um immenso casco formado por pinheiros grosseiramente trabalhados, ligados entre si por fortes gatos de ferro. Uma cobertura feita de tabuas, e de forma conica, pro-

tege os homens e as mercadorias. Um d'estes grandes barcos pôde transportar até oitocentas toneladas de cereaes. Uma das extremidades do *praam* é solhada, para servir de camara; alguns bancos, uma meza, parteleiras, tudo toscamente feito de madeira de pinho, formam toda a mobilia. N'uma das cavernas balanceia suspensa uma panella de ferro, em que os barqueiros cozem os seus alimentos enquanto andam em viagem, porque nos portos é-lhes prohibido ter lume a bordo ou mesmo accender um cachimbo; cosinham em terra. Uma pequena jangada formada de quatro ou cinco troncos, ligados entre si, permite-lhes o facilmente poderem alcançar as margens.

Os *praams*, como as jangadas, tomam a seu bordo uma grande quantidade de peregrinos, a quem dão, além da passagem, uma ração de pão negro e chá, pelos serviços que elles prestam ajudando ao leme e a remar. O trabalho não é difficil, porque a corrente arrasta velozmente o barco. Chegada a Solambola a embarcação, vende os cereaes aos navios estrangeiros, a maior parte dos quaes seguem para o Forth, para o Tyne e para o Tamisa. O *praam* é em seguida posto em secco, desfeito e vendido. A madeira em melhor estado serve para construcções; o resto é vendido para queimar.

#### UMA CASA DE ALDEIA, AO SUL DA RUSSIA

As casas das aldeias, ao sul da Russia, são isoladas, e apresentam o aspecto da que hoje damos em gravura. Ver uma, é ver todas. Feitas de troncos de pinheiros absolutamente semelhantes, talhados da mesma forma e unidos entre si pelo mesmo modo, todas ellas são eguaes, salvo as dimensões. Quatro muros grosseiros com portas e janellas; um rez do chão e um só andar, eis a sua apparencia exterior. Interiormente, o primeiro pavimento tem por soalho o chão e por tecto traves de pinho. A pintura é um luxo quasi desconhecido, e os troncos que formam a fachada do edificio depressa se tornam negros pela acção das chuvas e do fumo.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas

NOVISSIMAS

No Carmo esta deusa é mulher e planta—1—2—2.

Este verbo é instrumento no navio—1—3.

Vogal, parenta e animal—1—2.

Na rua é subtil este homem—1—2.

J. LUIZ PERPETUA.

Este adorno na musica é adorno—2—1.

Aqui, este vaso aquece—1—2.

J. P. S.

Na musica é formoso este appellido—1—2.

Esta interjeição na musica é um appellido e um rio—1—1—1.

CAROLINA.

#### EM VERSO

Em certa praia, bem frequentada,  
Appar'ceu joven muito galante,  
Tão seductora, tão fascinante,  
Que era por todos lisongead.

Tinha um genio mui extravagante,  
Co'os serviçoes sempre questionava;  
Quando alguma coisa precisava,  
Qu'ria ser servioa n'um instante.—1

Mas o que mais escandalisava,  
E' que a nossa galante banhista,  
Não se importando que fôsse vista,  
Sem fato algum o banho tomava!—2

Se por acaso alguém lhe dizia  
Ser tal costume inconveniente,  
Logo ella troçava alegremente  
Quem as observações lhe fazia.—2

Mas certo dia, como embirrasse  
Por ser geralmente censurada,  
Sem nada dizer, pela calada  
Desappar'ceu sem que se esperasse.

Agora, meu caro charadista,  
Creia que o todo d'esta charada,

—Que talvez já 'steja decifrada—  
Contém o nome da tal banhista.

MATHEUS JUNIOR.

EM QUADRO

(Geographica)

Tenho uma desconfiança  
—Oxalá seja infundada!—  
Que apesar do tiroteio,  
Intacta fica a charada.

. . . . Primeiro temos um rio,  
. . . . Depois, ilha encontrara,  
. . . . Cidade, creio, d'America,  
. . . . Que n'este reino achará.

E' melhor não decifrar,  
Pois talvez ella resista,  
E eu tenho quasi a certeza  
Que a não matas, charadista!

MATHEUS JUNIOR.

### Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS—Batata—Cabrito—Aveia—Vitello  
—Locáfa—Casapo—Cunhado.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Muchacha—Sampaio.

DO LOGOGRIPO:—Hypocondria.

DA ADIVINHA POPULAR:—Lima.

DO PROBLEMA:—4 rapazes e 3 raparigas.

### Expediente

Enviaram a decifração exacta do enigma publicado no numero 12, os srs. José Dias Rodam Tavares, Pequeno Antoninho e Antonio Maria Fernandes, cabendo o premio a este ultimo.

### A RIR

Cumulo da orthographia:

Pôr um ponto de theatro no final de uma oração.

Cumulo de luxo:

Um capitalista mandar enfeitar os vestidos da esposa com as rendas dos seus capitaes.

Cumulo da satyra:

Talhar carapuças para cabeças de comarca.

\*

O doutor X... chega muito tarde a casa do conselheiro Nogueira, que o tinha convidado para jantar.

—Venho estafado!... exclama o Esculapio esbofando e a limpar o suor da testa; os meus doentes matam-me!...

O conselheiro:

—Não se queixe, doutor; é a pena de talião!...

### UM CONSELHO POR SEMANA

#### CIMENTO PARA COLLAR

Faz-se uma dissolução muito concentrada de colla de peixe em agua, e junta-se-lhe um pouco de alcool e de gomma ammoniacal, de modo a fazer de tudo uma massa liquida.

Applica-se com uma espatula de pau nas partes que se de-sejam collar e que se ligam até seccar. A gomma ammoniacal pode substituir-se pela resina dissolvida em alcool.

## O NARCISO

Tinha a penca grande e era feio como o demonio. Mediano d'estatura. O tronco robusto e apertado n'uma eterna sobrecasaca. O chapéu alto, de seda, coroando uma verdadeira floresta de cabellos, cujo negro fazia sobresair em grande relevo a sua physionomia amarella de judeu de tamaras. Beiços grossos, sensuaes, contrahidos sarcasticamente.

Tal era o nosso retrozeiro, sem tirar nem pôr. Uma d'estas creaturas espectaculosas que se interessam por tudo e tudo querem saber.

No seu arruamento, era elle quem dava sota e az ao mais pintado em assumptos de politica interna e externa.

Estava reunido o conselho d'estado e não se sabia bem para que? Era elle que decidia as hesitações da visinhança sobre tão grave assumpto.

Um fadista na Mouraria tinha, n'um impeto selvagem, degolado a amante, revestindo este tragico successo de circumstancias aggravantes? Era o Narciso quem desdobrava a cavallaria cerrada das apostrophes contra a immoralidade revoltante do *quarto estado*. E brandia o metro, furiosamente, acima da cabeça em ar de clava, ou o espetava de lança em riste contra o inimigo hypothetico.

Havia um caso d'abortos, como o que ultimamente alarmou a cidade de Ulysses? Eil-o no seu elemento. Irrompiam dos seus labios grossos e arqueados as theorias juridicas e as de ordem social e moral, as mais destemperadas e originaes. Era medonho ouvil-o citar... os nomes, dos sabios calculistas da Grã-Bretanha, dos doutores nebulosos da Allemanha, e dos... romancistas francezes.

A sua loja era, por todos estes poderosos motivos, um centro ruidoso de polemica viva, onde elle pontificava. Decidia-se ali a sorte da... Baixa.

Tão importante centro retrozeiro e politico, não podia escapar a voracidade eleitoral dos governos; portanto, o Narciso foi elevado a regedor.

Viu-se então o Narciso desdobrar os vastos recursos da sua profunda sabedoria politico-eleitoral. Era citado no governo civil com admiração, e a sua fama chegou ao Terreiro do Paço. O governador civil, quando lhe passava pelo estabelecimento, dignava-se entrar e palestrar o seu bocado. E contavam os amigos, que o ministro do reino, uma vez, ao passar junto d'elle, lhe estendera a mão n'um ministerialissimo *shake hand*.

Todos os regedores da capital estavam humilhados.

Taes progressos fizera o novo regedor que se tornara notado, como um producto acabado da flora politica, emergente do sagrado principio de—muita parra e pouca uva. O segredo d'esta flor dos galopins, consistia em não deixar perder a occasião de dar na vista. A ostentação theatral, era a sua divisa.

\* \* \*

Mas toda a medalha tem o seu reverso, e especialmente em politica. A inveja, essa hydra de Lerna, mordeu o coração dos adversarios politicos de Narciso. Principiaram a apear o homem nos jornaes da opposição, nos de caricaturas, nas revistas theatraes. etc, chegando no calor da lucta a fazerem-lhe partidas como a que vou contar e que decidi da sua sorte politica.

Costumava o Narciso ostentar-se, ao domingo, n'um camarote de primeira ordem nos theatros de declamação mais populares, acompanhado da sua petizada e da respeitabilissima consorte.

Era vel-o á frente do camarote, fechado na sua sobrecasaca, impertigado, serio, importante, com as vastas melenas pretas, artisticamente desgrenhadas; o seu nariz enorme, desbotado; a sua barba rara, dando-lhe a physionomia um tom cadaverico de uma alta expressão mediocre.

Os pequenos, com as pontas dos dedos rosados, atiravam beijos para as creanças que viam nos camarotes visinhos. Confraternisavam na alegre e tocante familiaridade da infancia. Chilreavam; e das suas gargantas de neve, saiam gritinhos d'alegria, chamando a attenção do publico.

O tom alegre dos pequenos, vestidos de branco, contrastava com o aspecto comicamente funebre do regedor; mas no seu intimo, o Narciso estava muito satisfeito de si e da sua prole. Dava nas vistas!...

Nos intervallos, descia a passear a sua importancia no salão d'entrada, trocando apertos de mão e barretadas, fallando por monosyllabos, gutturalmente. Outras vezes, atravessava as ondas da multidão, com um creado de café atraz de si, carregado de bandejas.

Ora n'uma noite—noite fatal—assistia o Narciso no theatro dos Recreios, no infallivel camarote de primeira ordem, com a

petizada e a esposa. Havia enchente, e elle tentara já por duas vezes rebocar, atravez da multidão, um dos moços do café, com varias bandejas. Mas nenhum accedera. Não arredavam pé do balcão. Quem quizesse que fosse ao café.

Era exactamente o que o Narciso não queria. Por dinheiro nenhum trocava a doce satisfação de comer no camarote, com grande tinir de chavenas e copos, para obrigar os populares da geral e as familias que estavam nos outros camarotes, a olharem com inveja, sorrindo-se na apparencia desdenhosas, mas sentindo no intimo, não poderem fazer o mesmo. Sobretudo, punha grande empenho em fazer ferver um grande adversario politico, que estava, com a familia, exactamente no camarote fronteiro ao seu.

O actos iam correndo, e a tentativa de trazer um moço com as bandejas ao camarote, abortara já duas vezes. Então o Narciso, não podendo ser superior á sua vaidade, e escolhendo a occasião em que tocava a campainha chamando os espectadores, lançou a mão a duas pequenas bandejas de alfinide e fez-se servir n'uma 6 chavenas de café, e na outra o assucareiro, calices e uma garrafa de curaçu. Empunhou-as resolutamente e caminhou para a escada dos camarotes.

Não foi preciso mais nada. Estabeleceu-se logo medonha confusão, envolvendo o pobre Narciso, que difficilmente sustentava em equilibrio acima da cabeça as bandejas, tentando subir, porque bem percebera que os gritos tinham partido dos seus negregados adversarios e eram uma simples partida de mau gosto.

Mas a pressão das pessoas que estavam na frente d'elle e que tentavam descer a todo o transe, foi tal, que o Narciso, emborcou as bandejas em cima da multidão que invadira o fim da escada.

Viu-se então um espectáculo unico; as chavenas do café rolando por cima dos chapéos e dos hombros das senhoras e dos homens, até irem partir-se no chão.

Uma senhora de capota branca coroada por um soberbo *nœud* de plumas, apanhou com a garrafa do curaçu na cabeça, partindo-se a garrafa e deixando-lhe o chapeo e a cara de uma bella côr de pau campeche.

Redobraram então os gritos, mas a escada despejou-se como por encanto.

O Narciso, alvo da eclera de todos os maridos indignados, foi arrastado para o café, perdido inteiramente o seu aprumo eleito-



UMA CASA DE ALDEIA, AO SUL DA RUSSIA

Ia já a meio da escada, quando notou no topo um grupo ruidoso. Era o seu adversario politico-eleitoral, o tal do camarote fronteiro ao seu, e que elle tencionava humilhar com a sua bacchanal de café e torradas. Estacou, como se uma paralyisa o tivesse transformado em estatueta.

O sujeito, achava-se rodeado de amigos, todos adversarios politicos do regedor. Ao deparar-se-lhes o estranho espectáculo do Narciso, perplexo no meio da escada, sem saber se deveria subir ou descer, desataram ás gargalhadas. Ao mesmo tempo, para cumulo de infelicidade, as pessoas que vinham subindo atraz do regedor, admiradas de ver aquelle homem de sobrecasaca e chapeu alto, com duas bandejas nas mãos, impedindo o transito, começaram a impacientar-se e a gritar-lhe:

—Você sóbe ou desce?...

Foi n'este momento critico que uma voz retumbante, saida do grupo do alto da escada, gritou afflictivamente:

—O' da guarda! O' da guarda!...

E em seguida, outra voz em tom doloroso:

—Ail que me mataram!...

E logo muitas vozes:

—Soccorro! Acudam!...

—Agarra! Agarra!...

ral e com o chapeu n'um figo, pelas gebadas dos descontentes.

Um sujeito filou-o pela golla, gritando que havia de indemnizar toda aquella gente. Os creados do café seguraram-no pelas abas da sobrecasaca, afim de o obrigarem a pagar tudo o que tinha quebrado. Um vexame enorme.

A' entrada do café, o terrivel adversario politico do Narciso, rodeado dos seus amigalotes, que haviam descido a escada para presenciar melhor, exclamava radiante de vingança opposcionista:

—Foi uma achatadela mestrá!

No dia seguinte, toda a rua dos Retrozeiros ria em unisono com a leitura picante da catastrophe do theatro dos Recreios, como sardonicamente diziam os jornaes da opposição; e o Narciso perdia o penacho de regedor, porque a auctoridade, assustada com o ridiculo que caíra em cima do seu subalterno, temia que isso prejudicasse na respectiva freguezia a eleição do deputado governamental.

JOSÉ MARIA-DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica